

POESIA E VIDA LITERÁRIA NAS CARTAS INÉDITAS DE MURILO MENDES PARA MÁRIO DE ANDRADE (1933-1944)

RAPHAEL SALOMÃO KHÉDE*

RESUMO

O objetivo deste ensaio é percorrer, através da correspondência inédita enviada por Murilo Mendes (1901-1975) para Mário de Andrade (1893-1945), entre 1933 e 1944, o relacionamento de amizade e de intercâmbio intelectual mantido entre duas figuras fundamentais do modernismo, ao longo de mais de dezesseis anos. As cartas auxiliam na reconstrução de elementos biobibliográficos dos autores, os quais publicaram, naqueles anos, alguns de seus textos mais importantes. A correspondência permite ao leitor acompanhar o envio constante de textos entre eles e a reflexão sobre a poesia a partir do interesse múltiplo que mantinham por temas políticos, culturais e estéticos.

PALAVRAS-CHAVE: Murilo Mendes; Mário de Andrade; Cartas inéditas; Poesia; Modernismo brasileiro.

INTRODUÇÃO

O presente ensaio¹ tem como objetivo analisar a correspondência inédita enviada por Murilo Mendes (1901-1975) para Mário de Andrade (1893-1945), entre 1933 e 1944, a qual está conservada no acervo de Mário de Andrade no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo (USP). Segundo a informação que

* Professor de Língua e Literatura Italiana da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) – Brasil. Email: raphaelsalomao@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3736-2526>

1 O trabalho se insere dentro de um projeto de pesquisa direcionado ao estudo da correspondência inédita entre Murilo Mendes e diversos poetas modernistas.

obtivemos por parte do acervo de Murilo Mendes, os originais foram registrados em um DVD e enviados do IEB, em 2008, para o acervo do poeta, no Museu de Arte Murilo Mendes, em Juiz de Fora.

Trata-se, no total, de trinta e dois documentos, entre cartas (22), bilhetes (8) e telegramas (2) escritos à mão, enviados entre 1928 e 1944. Um elemento que merece destaque é o fato de que, no acervo de Jorge de Lima, no Arquivo-museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, estão depositadas três cartas datilografadas de Mário de Andrade para Murilo Mendes, nos seguintes dias: oito de março de 1932, vinte e seis de junho de 1932 e vinte e quatro de junho de 1933; neste mesmo dossiê, encontra-se o manuscrito do poema “Nova canção do Tamoio”, de Mário de Andrade. No acervo de Jorge de Lima, no dossiê de cartas enviadas pelo poeta alagoano para Mário, está conservado o manuscrito do poema “Girassol da madrugada”, de Mário. Deve-se levar em consideração que, segundo Leandro Garcia Rodrigues, na década de 1980 “houve um incêndio na casa de Maria da Saudade Cortesão, viúva de Murilo Mendes, destruindo 90% do arquivo do poeta, inclusive seu acervo epistolar” (Rodrigues, 2023, p. 222-223).

As epístolas, ao abarcarem um período de mais de dezesseis anos, abrangem uma fase extensa da produção dos dois poetas, fornecendo, assim, informações relevantes sobre dados históricos, biográficos e literários. Foi necessário dividir o trabalho em etapas, cabendo ao presente artigo se dedicar à análise de dezessete documentos, entre os quais a carta de Mário de 1933, e as dezesseis correspondências (dez cartas, cinco bilhetes e um telegrama) enviadas por Murilo entre 1933 e 1944. É importante levar em consideração que o número de cartas e a sua extensão não são homogêneos ao longo dos anos. Às primeiras longas cartas dos anos 1928-1932 – reveladoras, por exemplo, da leitura de Murilo do recém-publicado *Macunaíma* (1928) ou do envio por parte de Murilo de seus primeiros poemas – seguem-se bilhetes, telegramas ou pequenas cartas no período compreendido entre 1933 e 1944; além do mais, no dossiê não constam missivas entre 1938 e 1941, período em que Mário residiu no Rio de Janeiro.

A carta de vinte e nove de setembro de 1928 faz referência a uma epístola, não localizada, em que Murilo analisa *Losango*, de Mário de Andrade. Este dado indica que o diálogo epistolar entre eles é anterior a setembro de 1928. Ao revelar uma intensa troca intelectual, a correspondência, em geral, esclarece questões relacionadas à gênese, à

publicação e à recepção de obras como *Poemas 1925-1929* (1930), *Bumba-meu-poeta*² (1932), *História do Brasil* (1932), *A poesia em pânico* (1937), *As metamorfoses* (1944), de Murilo Mendes, e *Clã do jabuti* (1927), *Macunaíma* (1928), *Remate de males* (1930), *Contos de Belazarte* (1934), *Aspectos da literatura brasileira* (1943), *O baile das 4 artes* (1943), *Dicionário musical brasileiro* (1989), de Mário de Andrade.

Em 21 de dezembro de 1930, o escritor paulistano analisou o livro de estreia de Murilo Mendes, num artigo publicado no *Diário Nacional*. O texto será reaproveitado para “A poesia em 30”, publicado na *Revista Nova*, em 1931. Neste artigo, Mário analisa quatro livros publicados em 1930: *Alguma poesia*, de Carlos Drummond de Andrade; *Libertinagem*, de Manuel Bandeira; *Pássaro Cego*, de Augusto Frederico Schmidt, e *Poemas 1925-1929*, de Murilo Mendes. Entre os quatro, Mário considera o livro de Murilo o mais importante do ponto de vista histórico, dedicando-lhe palavras elogiosas. O escritor paulistano coloca em destaque, sobretudo, o tom leve, natural, com o qual Murilo passa do plano do cotidiano para o da alucinação, confundindo-os. Mário se demonstra interessado pela atitude de irreverência (“gavroche”) e pelo “brasileirismo” das imagens e da linguagem:

É inconcebível a leveza, a elasticidade, a naturalidade com que o poeta passa do plano do corriqueiro pro da alucinação e os confunde. Essa naturalidade, essa coragem ignorante de si, no Brasil, só seria mesmo admissível no gavroche carioca. E de fato, Murilo Mendes, embora mineiro de nascença, é dono de todas as carioquices. E aqui lembro a contribuição nacional admirável dele. Impenetrável, visceral, inconfundível, há brasileiro tão constante no livro dele, como em nenhum poeta do Brasil. Realmente este é o único livro brasileiro da poesia contemporânea que sinto impossível a um estrangeiro inventar. Todos os outros, com maior ou menor erudição, maior ou menor experiência pessoal, qualquer homem do mundo teria feito. O que nos outros é fruto duma vontade, em Murilo Mendes, é apenas um fenômeno por assim dizer de reação nervosa (Andrade, 1972, p. 43-44).

² *Bumba-meu-poeta* foi publicado, pela primeira vez, em quinze de dezembro de 1932 (ano 2, n. 8), pela *Revista Nova*. Junto aos *Poemas 1925-1929*, *Bumba-meu-poeta* teve nova edição em 1988, no primeiro volume das Edições críticas monográficas da Editora Nova Fronteira.

Em seguida, no ensaio “A poesia em pânico” (1939), publicado inicialmente no *Diário de Notícias*, no dia nove de abril de 1939, Mário, com a sinceridade intelectual que lhe era habitual, apontou diversos problemas no livro *A poesia em pânico* (1937). Para ele, o poeta, no novo livro, não “foge às mais rudes banalidades”, abandona a linguagem irreverente carioca dos seus primeiros poemas, seu verso se torna “monótono”, os elementos estéticos encontram-se “abandonados”, o ritmo é “pobre”:

Esta é a observação técnica que o livro impõe. Ele se apresenta cheio de pequenas falhas técnicas, provando despreocupação pelo artesanato. Si o que mais se salienta na religiosidade do poeta é a colaboração do pecado, havemos de convir que ele põe o pecado mais no espírito que na carne. Os elementos da perfeição técnica, os encantos da beleza formal estão muito abandonados. O verso-livre é correto mas monótono, cortado exclusivamente pelas pausas das frases e das ideias. A linguagem é oralmente correntia, vazada em geral dentro do pensamento lógico: o poeta abandonou aquele seu saboroso jeito de dizer, tão carioca, do primeiro livro. O ritmo é bastante pobre, principalmente porque, pela altura do diapasão em que está o poeta lhe deu um movimento muito uniforme, sempre rápido [...]. Na sua procura da poesia essencial, Murilo Mendes se descuidou bastante do problema estético. *A poesia em pânico* é um livro mais de lirismo que de arte. O poeta não foge às mais rudes banalidades, que chocam no meio de uma invenção lírica no geral rara e bem achada. É possível que o poeta trabalhe os seus poemas, porém será sempre em função do maior realismo da ideia, da maior eficiência do sentimento vivido, não será por certo em função da obra de arte. Enfim: sempre essa inflação do artista e esse esquecimento da obra de arte que vem sendo o maior engano estético desde o Romantismo até nossos dias (Andrade, 1955, p. 49-50).

O escritor paulistano se demonstra um leitor atento da poesia do amigo, conforme indica, por exemplo, o volume repleto de anotações do livro *As metamorfoses*, hoje depositado no acervo de Mário de Andrade, no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo (USP). Murilo, também, é solícito em enviar suas impressões críticas acerca da obra do amigo, como indica a carta do dia vinte e seis de junho de 1932, através da qual Mário submeteu, ao julgamento crítico de Murilo,

o já citado poema, escrito em 1931, “Nova canção do Tamoio”, publicado por Oneyda Alvarenga pela primeira vez na *Revista do Livro* (1960) e, em seguida, no volume *Mário de Andrade, um pouco* (1974)³. Outro exemplo, conforme veremos de forma detalhada, é a carta de nove de dezembro de 1933, a qual permite reconstruir o caso de substituição de um verso homoerótico de Mário, no poema “Girassol da madrugada”, com a alegação de que o Brasil não estaria pronto para a discussão desse tema. Mário, após pedir conselho a respeito do verso a Murilo, o qual o aconselha a não substituí-lo, não seguiu a sugestão e trocou o verso.

Ao longo da correspondência, há diversas referências à vida literária da época e aos protagonistas do movimento modernista no Brasil, tais como Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde), Manuel Bandeira, Oswald de Andrade, Antônio de Alcântara Machado, Raul Bopp, Paulo Prado, Augusto Frederico Schmidt, Jorge de Lima, Carlos Drummond de Andrade, Ismael Nery, Emiliano Di Cavalcanti, entre outros. Construídas numa linguagem repleta de gírias, jogos de palavras, termos de baixo calão, neologismos, latinismos, italianismos, francesismos e inúmeras referências ao contexto literário e político da época, as cartas são relevantes como exemplo do estilo dos dois poetas e como base para a reconstrução de suas poéticas. Segundo Marcos Antonio de Moraes:

A carta é “laboratório” onde se acompanha o engendramento do texto literário em filigranas, desvendando-se elementos de constituição técnica da poesia e seus problemas específicos. Propicia a análise (gênese e busca do sentido) e torna manifestas as motivações externas que “precisam a circunstância” da criação. A escrita epistolográfica também proporciona a experimentação linguística e o desvendamento confessional. Enquanto expressão do momento, nascida ao correr da pena, os paradoxos e contradições se tornam presentes. Como em um romance, nela também as paixões entrelaçam e os desejos afloram (Moraes, 2000, p. 14).

É necessário levar em consideração, nesse sentido, que a fragmentação e a dispersão, congênicas ao gênero epistolar, são ainda maiores, neste caso, por tratar-se

3 “Nova canção do Tamoio” está incluída, também, na edição anotada e acrescida das *Poesias Completas* (2013) de Mário de Andrade, organizada por Tatiana Longo e Telê Ancona Lopez.

de uma parte da correspondência de um único emitente. Júlio Castañon Guimarães apontou para o caráter fragmentado e híbrido do gênero epistolar e de sua condição precária e lacunar (Guimarães, 2004, p. 21). A partir do momento em que não há notícias sobre as cartas enviadas por Mário de Andrade, com a exceção das três já referidas, nossa tarefa será a de tentar reconstruir o que se encontra em estado tão parcial, dando ênfase aos elementos biobibliográficos de maior destaque. Em relação à transcrição das cartas, é importante sinalizar que foi mantida a ortografia original, no que tange às abreviações, à pontuação e à acentuação. Foi padronizado o uso, oscilante, no manuscrito original, de citação de título de artigos, poemas, revistas, obras de arte e livros.

CARTAS 1933-1944

Em relação ao período compreendido entre os anos 1933 e 1944, tive acesso a uma única carta de Mário de Andrade, um datiloscrito com a data de 24 de junho de 1933⁴. Nesta epístola, Mário escreve a respeito de *História do Brasil*, que admira pelo tom satírico, demonstrando-se decepcionado, porém, com a centralização do tema em um único assunto, elemento que, segundo ele, “maltrata o lirismo”. Para Mário, falta ao livro o “diapasão lírico” de *Poemas 1925-1929* e de *Bumba-Meu-Poeta*, publicado pela *Revista Nova*, em 1932 e, em volume, em 1988. Na carta, na qual transparece o grande apreço do escritor paulistano pelas artes plásticas, Mário manifesta curiosidade pela leitura de *Casa-Grande & Senzala*, o qual seria publicado, em dezembro daquele ano, por Gilberto Freyre, e ilustrado pelo pintor Cícero Dias, amigo de Murilo. No final da epístola, Mário se refere a um concerto do pianista franco-russo Alexander Brailowsky (1896- 1976), grande intérprete de Chopin e Liszt. De fato, o jornal *Correio de S. Paulo*, de oito de junho de 1933, anuncia uma temporada do musicista pelo país.

No bilhete do dia dezesseis de outubro de 1933⁵, Murilo escreveu afirmando que estava morando na Rua Machado de Assis, ao número 26, no Rio de Janeiro, e que estava aguardando, “com as janelas abertas”, o “Girassol da madrugada”, escrito em 1931,

4 Arquivo de Jorge de Lima - Arquivo-museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa. Código de referência: BR RJFCRBAMLB JL VP RS MIS 128.

5 Acervo Mário de Andrade, IEB-USP. Código de referência: MA-C-CPL4664.

conforme a indicação do manuscrito⁶. Na carta do dia nove de dezembro de 1933⁷, em que o poeta menciona uma estadia no interior de São Paulo com o casal de pintores Di Cavalcanti e Noêmia Mourão, Murilo acusa, finalmente, o recebimento de “Girassol da madrugada” e dá conselhos a Mário. Pelo que esta carta indica, Mário enviou o poema para Murilo pedindo sugestões a respeito da substituição do sétimo verso da quarta estrofe (“O segundo era o louro espanhol”). Murilo, no entanto, emprestou o manuscrito para Jorge de Lima. De fato, o manuscrito datilografado encontra-se hoje no acervo de Jorge de Lima, no dossiê referente às cartas inéditas escritas por Mário para Jorge. No texto de “Girassol da madrugada”, enviado para Murilo, Mário, no final da 4ª estrofe, incluiu esta nota: “O verso do espanhol será substituído, o Brasil ainda não comporta coisas assim. Penso em: ‘O segundo eclipse, boi que fala, catacumba.’ Ou talvez: ‘O segundo, as prisões não condenarão nada, as ciências não corrigirão nada.’ Prefiro o primeiro, o que você acha?”

Na carta⁸ de nove de dezembro de 1933, aconselha Mário a não modificar o verso, porque a substituição proposta não seria adequada, e deixa a responsabilidade da publicação do poema a cargo de Mário, o qual, de fato, modificou o verso do poema, publicado somente em 1941, com os inéditos de *Livro azul* do volume *Poesias*. No lugar de “O segundo era o louro espanhol”, Mário colocou “O segundo... eclipse, boi que fala, cataclisma”. Na carta, Murilo escreve:

Mudei de endereço. Mesmo assim já podia ter acusado o recebimento do “Girassol”, mas tive uma gripe (?) sensacional que me inviabilizou por algumas semanas. Vim passar uma temporada em Santa Alexandrina, onde o clima é bom – estou aqui com o Di e Noemia. E você, já está de pé e com os rins funcionando bem? Acho o “Girassol” das suas melhores coisas, sem dúvidas. Certos amores levam mesmo a esse abandono que afinal de contas, se resolve mesmo num poema – pelo menos para o poeta. O amor tem também a sua mitologia – e que inumerável! – e no “Girassol”, como em toda a mitologia, a realidade coincide com a abstração. Quanto ao verso que você quer mudar acho que grita, que

6 O manuscrito de “Girassol da madrugada” está conservado no acervo de Jorge de Lima, no Arquivo-museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro.

7 Acervo Mário de Andrade, IEB-USP. Código de referência: MA-C-CPL4665.

8 Acervo Mário de Andrade, IEB-USP. Código de referência: MA-C-CPL4666.

resvala naquela parte que é mais realista; acho que v. deve, ou não, publicar o poema, ou publicar com o louro espanhol. O verso proposto pra substituição é sugestivo, é estranho, mas, a meu ver, não se enquadra no poema – aliás, não sei bem se esta opinião está exata, porque não tenho o poema à mão – dei-o ao Jorge de Lima para ler. Estou de uma burrice horrível depois desta gripe, não sei mais nada.

Na carta de Juiz de Fora do dia vinte e seis de abril de 1934⁹, Murilo lamenta a morte do amigo pintor Ismael Nery (1900-1934), sobre o qual escreveu um artigo no *Boletim de Ariel*, intitulado “Ismael Nery, poeta essencialista”. Entre 1946 e 1949, Murilo escreveu novamente artigos, com veia fortemente autobiográfica, nos jornais *O Estado de S. Paulo* e *A Manhã* sobre a figura e a trajetória de Ismael. Nery o teria introduzido ao surrealismo, após seu retorno de Paris, em 1927, onde fez “conhecimento pessoal com alguns escritores e pintores surrealistas”. Nery o teria também convertido, segundo as palavras de Murilo, ao catolicismo. Na carta, Murilo escreve:

Como vai você? Já curou a sua saúde? Estou aqui desde 15 – vim procurar me refazer do enorme abalo que tive com a morte do Ismael. Pedi ao Antonio Bento que te comunicasse. Se sair – por acaso – alguma notícia aí em S. Paulo sobre ele, peço-lhe o favor de me mandar, pois aqui aparecem poucos jornais paulistas. Em junho vou fazer no Rio uma grande exposição dele, desejava que a visses para escreveres alguma coisa. Quanto a mim, pelo fato de o ter conhecido muito, mal posso escrever sobre ele. Ismael era a mais completa organização de artista e filósofo de que tenho tido notícia. É relativamente fácil escrever sobre uns tantos quadros ou sobre uma fase de desenhos – mas sobre o “todo” Ismael é impossível! Em todo caso, quero ver se escrevo a vida dele. O fim principalmente deste bilhete é lhe pedir um favor: quero que você me devolva o “poema-piada” infame que lhe entreguei o ano passado, e que começa assim: “sentada no meio das nuvens...”. É um caso de consciência. Mais tarde lhe explicarei tudo direitinho. Preciso de ter aquele original,

9 Acervo Mário de Andrade, IEB-USP. Código de referência: MA-C-CPL4666.

que lhe entreguei, a seu pedido, num café da rua do Ouvidor, no dia 9 de outubro do ano passado. Muito agradecerei essa fineza. E o *Belazarte*? Eu também sou gente, ué.

Na carta de nove de maio de 1934¹⁰ de Juiz de Fora, Murilo reitera seu desejo de receber *Os contos de Belazarte* e o poema-piada que havia enviado para o amigo, no ano anterior, num café no centro do Rio de Janeiro. Esta referência “ao poema-piada” é interessante, porque representa um dos elementos principais da poética inicial do autor. Segundo Castañon, a poesia inicial de Murilo está integrada no projeto modernista pela paródia, o poema-piada, o brasileirismo da linguagem, o cotidiano da vida brasileira. Foi o próprio Mário, conforme destaca Castañon (1993, p. 31), a detectar, como elementos principais da concepção estética de Murilo, o plano do surrealismo, do corriqueiro e da vulgaridade da vida. Dois elementos principais da poética de Murilo, segundo Luciana Stegagno Picchio, seriam o tom debochado típico do poema-piada e as imagens contrastantes influenciadas pelos quadros de pintores como Chagall e De Chirico¹¹:

Poemas de 1930 incluía ao todo 66 textos que serão reduzidos a 62 na segunda edição de 1959: o que vai afetar também a estrutura numérica do conjunto, dividido aqui e lá em seis partes: uma espécie de ascensão do cotidiano ao universal, do *poema-piada* de uma motejadora neotradução modernista, fixada no seu tempo e no seu espaço carioca, até as alturas dos últimos ‘Poemas sem tempo’, em que tudo se torna relativo, a começar pela Mulher Amada. O livro contém *in nuce* todos os temas e todas as sugestões da futura poesia de MM: as luzes e sombras, as imagens que evocam quadros de Chagall, ou praças de De Chirico (Stegagno Picchio, 1994, p. 1605).

10 Acervo Mário de Andrade, IEB-USP. Código de referência: MA-C-CPL4667.

11 No período em que morou na Europa, Murilo foi, inclusive, amigo de Chagall e De Chirico, conforme informam diversos textos e cartas do poeta mineiro. Por exemplo, há uma carta para o diplomata Roberto Assumpção, de 10 de janeiro de 1953, em que o poeta afirma que, desde sua primeira viagem à Europa em 1952, se relacionou com vários artistas e intelectuais europeus, tendo criado “contactos muito fecundos”, entre outros, com René Char, Magnelli, Breton, Malraux e Chagall (Guimarães, 2007, p. 45).

A carta de nove de maio de 1934 é importante porque traz, também, além da referência aos poemas-piada, o anúncio de Murilo a respeito da sua conversão ao catolicismo:

Conforme na carta do mês passado, em que lhe pedia o favor de me enviar o original de um “poema-piada” que lhe entreguei num café da rua do Ouvidor no dia 9 de outubro do ano passado, converti-me ao catolicismo. V. compreende agora? Ainda não vi *Belazarte*. Como você deve saber o Ismael morreu a 6 do mês passado. V. poderá me mandar o artigo que v. publicou no *Diário Nacional* de 1928? Cópia eu tenho, queria o original jornalístico para um álbum.

Murilo, ao longo de sua trajetória, publicou diversos textos onde a temática teológica é explícita desde o título: *O Sinal de Deus* (escrito em 1936, e publicado em 1994), *Quatro textos evangélicos* (1984), *O Discípulo de Emaús* (1945). Em artigo de 1939, “A poesia em pânico”, Mário de Andrade já havia apontado o lado herético do catolicismo de Murilo, ao analisar a religião nos poemas de *A poesia em pânico* (1937): “Além de um não raro mau gosto, desmoraliza as imagens permanentes, veste de modas temporárias as verdades eternas, fixa anacronicamente numa região do tempo e do espaço o Catolicismo, que se quer universal por definição. Neste sentido, o catolicismo de Murilo Mendes guarda a seiva de perigosas heresias” (Andrade, 1955, p. 46). O próprio Murilo manifestou em diversas ocasiões sua concepção de um catolicismo preocupado com questões de ordem social. No artigo “Cristo companheiro”, publicado no jornal *A Manhã*, em 24 de dezembro de 1944, o poeta escreve:

O Cristo é o mestre da liberdade. É muito instrutivo acompanhar esta ideia em diversas passagens do Evangelho. O Cristo não impõe sua doutrina pela força, não emprega o aparelhamento cenográfico tão ao gosto de certos ditadores antigos e modernos – principalmente modernos, pois que usam todos os prestígios da técnica para hipnotização das massas. Na sua vida de comunidade com os apóstolos não existe nem sombra de constrangimento ou tirania. Ele declara que quis reunir num só bloco todos os filhos de Jerusalém, mas esta não quis. Ele não a força. O Cristo é mestre da liberdade (Mendes, 1944, p. 4).

Recentemente, ocorreu uma nova discussão sobre o tema da relação do catolicismo de Murilo Mendes com suas escolhas estéticas, em particular com o surrealismo e com a crítica social. Segundo Júlio Castañon Guimarães, “a poesia que Murilo apresenta sob a divisa ‘Restauremos a poesia em Cristo’ não deixa de se abrir para uma realidade que é também objeto de preocupações de caráter social e político” (Guimarães, 1993, p. 45). Castañon aponta para a posição social e política antiliberal, para a crítica ao sistema capitalista realizada por Murilo, o qual “encara a necessidade de uma reforma social com base em valores católicos e uma poesia que venha a ser não um ‘folclore religioso’, mas a manifestação de valores eternos da vida” (Guimarães, 1993, p. 43). Para Murilo Marcondes de Moura, a religiosidade de Murilo Mendes manifestava-se sempre “como desejo utópico de totalidade e abrangência, e, com raríssimas exceções, nunca se mostrou de posse de qualquer verdade dogmática, consumindo-se, ao contrário, na exploração, que se sabia aproximativa, de outras possibilidades da experiência humana” (Moura, 1995, p. 49). Na carta do dia vinte e dois de maio de 1934, de Juiz de Fora, Murilo, finalmente, acusa o recebimento de *Os contos de Belazarte*:

De volta duma fazenda próxima recebi sua carta e *Belazarte*. Obrigado. Escrever-lhe-ei depois sobre este. Não tenho dúvida que fiz barbearagem em reclamar tal poema quando bastava mandar pedir v. para queimá-lo. É que tenho andado com a cabeça tonta nestes últimos tempos. É uma gaffe lamentável. Por isto lhe peço desculpas.

Há uma carta do Rio de Janeiro, não datada, mas certamente anterior a 28 de junho de 1935, em que Murilo convida Mário para a exposição de desenhos de Ismael Nery, realizada, no edifício Fontes, no centro do Rio de Janeiro. Além do bilhete de cumprimentos do dia vinte e seis de setembro de 1935, há outro bilhete, do dia vinte e um de novembro de 1935¹², em que Murilo escreve: “Como vai você? Venho pedir-lhe o favor de me enviar um exemplar da *Revista Nova* que trouxe o *Bumba-meu-poeta*. Eu não tenho, nem tirei cópia – e estou cogitando um livro em que aquele “auto” deverá ser incluído. Mas isto é sangria desatada; sei que você é muito ocupado, e só o fará quando for possível, e se for possível”.

12 Acervo Mário de Andrade, IEB-USP. Código de referência: MA-C-CPL4671.

No dia sete de março de 1936¹³, de Juiz de Fora, Murilo escreve pedindo ajuda para o poeta Roberto Pliske. Mário era, naquele momento, diretor do Departamento de Cultura de São Paulo, cargo exercido, por ele, entre 1935 e 1937:

Como vai você? Firme aí no batente, não é? Apresento-lhe o meu amigo o poeta Roberto Pliske que deseja conhecê-lo pessoalmente. Naturalmente ele há de querer visitar o departamento de Cultura, mesmo porque ele está agora extraviado como diretor da Biblioteca daqui – e lucrará em conhecer o que você tem feito aí. Espero que o burocrata não esteja matando o escritor. Há muito não leio nada de seu. Conto ir a S. Paulo no meio do ano, realizar um velho sonho. Hei de procura-lo então.

Em dezenove de março de 1936¹⁴, de Juiz de Fora, Murilo envia o seguinte bilhete: “Venho lhe agradecer a fineza da remessa das revistas. Vi logo q. você não tinha recebido m/ carta – pois v. é tão solícito, e não a respondera. Logo q. o Pliske me aparecer, dar-lhe-ei s/ recado”. No dia nove de novembro de 1936, em carta enviada do Rio de Janeiro¹⁵, Murilo pede para Mário ajudar um amigo fotógrafo. Nesta epístola, Murilo manifesta interesse pela literatura infantil, tema de outra carta inédita do poeta (depositada no acervo do poeta em Juiz de Fora): a que escreveu, na década de 1940, para o crítico Alceu Amoroso Lima comunicando-lhe que estava escrevendo um livro para crianças: “Desejo que v. dê uma contribuição – algum dito pitoresco, interessante, de crianças, ou alguma história que encena algum ensinamento”. Na carta, o poeta escreve:

Recebi hoje s/ bilhete. O telegrama não é meu. Tenho uma Deusa, mas não se chama Odila – e só passo telegramas referentes a ela – a ela mesma. Se você tivesse mais folga, poderíamos criar com vários amigos um caso pirandelliano em torno do telegrama da deusa Odila. Eu uma vez fiz coisa parecida pa. me divertir. Telefonei a vários amigos marcando um encontro na casa da Heloisa Rosa e Silva, e avisando que havia uma certa carta traduzida de Minas pa. o Cícero. (todos éramos portadores

13 Acervo Mário de Andrade, IEB-USP. Código de referência: MA-C-CPL4672.

14 Acervo Mário de Andrade, IEB-USP. Código de referência: MA-C-CPL4673.

15 Acervo Mário de Andrade, IEB-USP. Código de referência: MA-C-CPL4674.

da carta) Ninguém o era. No fim ninguém se entendia, foi uma confusão medonha; gozadíssimo! Agora, mais sério. Você é capaz de arranjar para um amigo meu, o fotógrafo Nestor Santos, de Juiz de Fora, ir a Recife tirar fotografia para o 2º congresso afro-brasileiro? ele é bom fotógrafo, merece ser estimulado, mas você sabe o que é um fotógrafo perdido no interior. Ele é muito mais artista do que comercial. Ficaria muitíssimo satisfeito se você arranjasse isto pa. ele. Você tem prestígio com o pessoal do Congresso; quanto ao camarada, garanto. Este ano ele foi comigo a S. João del Rei e tirou boas fotos da cidade. O endereço dele é Rua Halfeld 740 (J. de F.). Cave isto, peço-lhe com mt. interesse. Outra: na comissão de literatura infantil, nós aceitamos sugestões e contribuições sobre o assunto. Você, a testa desse Departamento Cultural, com certeza tem feito alguma coisa no setor da literatura infantil. Queira me mandar informações a respeito, muito nos interessam.

Em vinte de maio de 1937¹⁶, do Rio de Janeiro, Murilo envia um bilhete anexando duas obras de Antônio Bento de Araújo: “Como vai você de saúde? Mando-lhe duas preciosidades para o seu museu – estas paisagens feitas a bico de pena pelo Antonio Bento, em 1927. A q. tem a assinatura, acho uma delícia. Eu estava na lista dos que iam a SP visitar o Departamento, mas adiaram, por causa da política. Fiquei safado!”. O bilhete é interessante porque sinaliza a coleção reunida pelo escritor paulistano. Entre as peças, hoje reunidas, encontram-se representantes da imaginária católica (de feição erudita ou de santeiros regionais), dos costumes e das superstições do catolicismo popular brasileiro. Na coleção, há também objetos que revelam outras culturas formadoras do povo brasileiro, como a arte indígena e arte afro-brasileira, e, sobretudo, objetos que apontam tradições que se consolidaram nas manifestações populares, na dança, na música, nos usos, nos costumes e nas tradições. Na carta de vinte e sete de março de 1941¹⁷, Murilo lamenta a ausência de Mário no Rio de Janeiro, onde o escritor paulista residiu de 1938 a 1941, e cobra do amigo o envio do livro *Clã do jabuti*:

16 Acervo Mário de Andrade, IEB-USP. Código de referência: MA-C-CPL4675.

17 Acervo Mário de Andrade, IEB-USP. Código de referência: MA-C-CPL4676.

Sua ausência tem sido muito notada por aqui. É pena v. não se dar bem por estas bandas. Mas compreendo. Gostei muito de S. Paulo, da riqueza do seu aglomerado humano, do seu imprevisto. Como vão os seus trabalhos? Alguma coisa nova? Embora não seja hábito meu, devo agradecer-lhe as constantes referências ao meu nome e à minha obra poética. São tão frequentes, que não podem deixar de ser muito sinceras. Não se esqueça que me prometeu um ex. de *Clã do jabuti*. Espero-o na volta do correio.

Na carta de oito de julho de 1943¹⁸, o poeta mineiro relata que está com pleurisia, acusa a recepção de *Aspectos da literatura brasileira* e solicita o envio do livro de ensaios, *O baile das 4 artes*. Murilo se demonstra preocupado com a saúde do amigo, ao qual, por fim, pergunta se teria disponibilidade para ler dois livros preparados pelo poeta mineiro. Provavelmente, Murilo se refere aos livros *As metamorfoses* (escrito entre 1938 e 1941, e publicado em 1944) e *Mundo enigma* (escrito em 1942, e publicado em 1945). Ao mencionar um artigo escrito por Mário sobre Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde), Murilo, na carta, toca novamente no tema do catolicismo, considerado importante para a cultura do país do ponto de vista histórico:

Estou de cama há cerca de 40 dias, com pleuriz. Senti muito não ter podido jantar com v. naquele dia, logo que v. chegou. Eu já estava com a doença. Estou para lhe escrever há muito tempo: recebi os *Aspectos da L. B.* e queria escrever um artigo sobre, por isso não acusei recebimento. Mas, ora uma coisa ora outra, o tempo foi passando, até que adoeci. Mas, não tenho me esquecido nada de v. ora por um ora por outro amigo, tenho sempre suas notícias. O livro é, a meu ver, de uma maneira geral, esplêndido. Ainda não conhecia o artigo sobre T. de A., de resto mais sobre o catolicismo no Brasil, do que sobre T. de A. Concordo quase sempre com v. O catolicismo tem tido importância histórica neste país, mas não mística. De resto, nenhum país jamais foi católico: o que tem havido é homens católicos, ao longo dos séculos. Há ali observações muito felizes

18 Acervo Mário de Andrade, IEB-USP. Código de referência: MA-C-CPL4677.

e certas. Não tenho muito jeito para escrever assim na cama, por isso v. me desculpará de não me estender muito sobre o livro. O essencial é que agradou quase sempre ao católico que há abafado em mim. Soube que v. andou também doente. Do fígado, segundo me disseram. Mande-me notícias de sua saúde. Gostaria muito de *receber O baile das 4 artes*. Será possível? Diga com franqueza – v, tem tempo e apetite para ler uns 2 livros de poemas meus inéditos, escritos nos últimos anos? Caso sim, mandar-lhe-ei pela volta do correio. Sei que v. é cuidadosíssimo, mas mesmo assim prefiro que não tenha cópia dos mesmos. Minha letra da cama é diferente da letra da mesa.

Em 1943, Murilo internou-se brevemente num sanatório de Correias (Rio de Janeiro), por tuberculose pulmonar¹⁹; no telegrama do dia oito de setembro de 1943, o poeta escreve: “estou doente peço vir me ver Rua Marquês de Abrantes 64”. Naquela, que parece ser a última carta, a do dia doze de novembro de 1944²⁰, o poeta emite a própria opinião sobre a crítica de Mário à sua obra. Mário faleceu cerca de três meses após o envio desta carta, no dia vinte e cinco de fevereiro de 1945. Nesta missiva, Murilo apresenta ao amigo, também, dúvidas e questões relacionadas a transcrições de partituras de músicas clássicas, de autores como Vivaldi e Bach:

Como vai a saúde? Estou para lhe escrever há muitos dias mas... você sabe, os doentes tem regalias. Queria lhe dizer apenas isto: gostei muito das suas páginas sobre a *Poesia em pânico*. Se não lhe disse, é porque sempre fico encabulado com os críticos. De um modo geral, não agradeço quando elogiam, nem me zango qd. atacam. (não quero dizer evidentemente que v. esperava agradecimento) acho apenas que ao criticado é suspeito para se manifestar. Por conseguinte não há mais razão para v. – como diz na s/ carta – guardar um “sofrimento estúpido” pelo meu silêncio. Na verdade, v. é uma das 4 ou 5 pessoas cuja opinião a respeito dos meus livros me interessa – por isso o seu desabafo sobre as *Metamorfoses* me comoveu. Desde que uma pessoa ao menos sentiu,

19 Cfr. Capítulo “Cronologia da vida e da obra” (Mendes, 1994, p. 67-77).

20 Acervo Mário de Andrade, IEB-USP. Código de referência: MA-C-CPL4679.

assimilou, comeu (como diz o Apocalipse) o que a gente escreve, já não terá sido inútil a gente publicar um livro. Qto. ao estudo falado, nem posso dizer nada.. porque você diz que não pode prometé-lo. Se vier, tanto melhor! Agora queria que você me desse uma informação de ordem técnica, pois v. é entendido em música: qual é a razão pela qual se apresentam geralmente as composições de Vivaldi em transcrições? E em transcrições de transcrições! Sei que Bach trabalhou vários concertos de Vivaldi, passando-os de violino pa. cravo etc. mas agora as transcrições de Siloti, Corto, etc. já são três trabalhos. Será que eles passam das transcrições de Bach pa. as tras. de piano ou orquestra? Qual a forma original, p. ex., do *Concerto de câmara* que anda por aí em órgão (Sittarie) em piano (Corto) e em orquestra (Siloti-Roussevitsky)? É que me interessa muito por Vivaldi, e queria acertar isto. V. conhece algum livro especial sobre Vivaldi?

Após a morte de Mário, Murilo escreveu um artigo em memória do amigo, publicado no domingo, no dia quatro de março. No texto, o poeta menciona a última troca epistolar entre eles:

Há muitos dias recebera uma carta dele a respeito de umas transcrições de Vivaldi, que nos interessavam muito. Mário estava entusiasmado com certas sentenças de São João Crissóstomo, principalmente aquela célebre “O rico é um bandido”, e pedia-me indicações sobre livros do Boca de Ouro. Respondi-lhe segunda-feira, quando ele já estava morto. Morto, aquele homem fraternal, aquele homem próximo, que soube abafar a famosa reserva paulista dentro do vasto abraço brasileiro (Mendes, 1945, p. 6).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura das cartas inéditas escritas por Murilo para Mário traz inúmeras informações úteis para a interpretação da obra do poeta mineiro, sobretudo no que diz respeito à relação da sua poesia com o movimento modernista, o qual teve em Mário sua figura de maior destaque. As epístolas para Mário estão repletas de revelações de cunho pessoal, de declarações de poética, de informações

biográficas relevantes para a compreensão da obra de Murilo, como, por exemplo, a sua conversão em 1934, em concomitância com a morte do pintor e amigo Ismael Nery.

As missivas colocam em evidência alguns pontos fundamentais da poética de Murilo Mendes, tais como a relação de sua poesia com as artes plásticas e com a música, a influência do surrealismo e do catolicismo em sua obra, o uso de brasileirismos, o tom irreverente de crítica social, a mescla do popular com o erudito. Em particular, o uso de brasileirismos e o tom debochado dos primeiros poemas de Murilo representam elementos estéticos apreciados por Mário, o qual foi o primeiro crítico a destacar tais aspectos no projeto estético de Murilo. Tal concepção estética aproxima os dois autores, conforme detectou o próprio Murilo, ao falar a respeito de suas impressões de leitura de *Macunaíma*, na carta de vinte e nove de setembro de 1928 (“Que grande afinidade de ideias você tem comigo. [...] Se a gente se conhecesse melhor diriam que nós andamos nos copiando”).

Trata-se de dados apresentados de forma fragmentária, que necessitam de um maior aprofundamento, já que não possuímos a inteira troca epistolar originária. Nesse sentido, o trabalho se propôs a apresentar uma síntese do material, dando ênfase, em particular, à reflexão constante realizada por Murilo Mendes sobre a própria poesia e a de seu interlocutor, conforme demonstram, também, as cartas enviadas por ele para Carlos Drummond de Andrade, ou mesmo para João Cabral de Melo Neto.

Ao enviar seus textos junto às cartas, Murilo emite suas opiniões críticas, indica defeitos, avança propostas e conselhos, apresentando, em diversos casos, análises dos textos enviados para avaliação. Por fim, as cartas, também, trazem informações reveladoras – que certamente merecem ser aprofundadas – sobre aspectos inerentes à interpretação e à gênese de alguns textos de Mário, conforme a análise apontou no caso do verso homoerótico retirado por Mário de seu poema “Girassol da madrugada”, publicado em 1941.

POETRY AND LITERARY LIFE IN UNPUBLISHED LETTERS FROM MURILO MENDES TO MÁRIO DE ANDRADE (1933-1944)

ABSTRACT: The objective of this essay is to explore, through unpublished correspondence sent by Murilo Mendes (1901-1975) to Mário de Andrade (1893-1945), between 1933 and 1944, the relationship of friendship and intellectual exchange, maintained between two fundamental figures of the modernism, over more than sixteen years. The letters help to reconstruct the biobibliographical elements of the authors, who published some of their most important texts in those years. The correspondence allows the reader to follow the constant sending of texts, between them, and the reflection on poetry based on the multiple interest they maintained in political, cultural and aesthetic themes.

KEYWORDS: Murilo Mendes; Mário de Andrade; Unpublished letters; Poetry; Brazilian modernism.

POESÍA Y VIDA LITERARIA EN LAS CARTAS INÉDITAS DE MURILO MENDES A MÁRIO DE ANDRADE (1933-1944)

RESUMEN: El objetivo de este ensayo es explorar a través de la correspondencia inédita enviada por Murilo Mendes (1901-1975) a Mário de Andrade (1893-1945), entre 1933 y 1944, la relación de amistad y intercambio intelectual, mantenida entre dos figuras fundamentales del modernismo, a lo largo de más de dieciséis años. Las cartas ayudan a reconstruir los elementos biobibliográficos de los autores, que publicaron algunos de sus textos más importantes en esos años. La correspondencia permite al lector seguir el constante envío de textos, entre ellos, y la reflexión sobre la poesía a partir del múltiple interés que mantenían por temas políticos, culturales y estéticos.

PALABRAS CLAVE: Murilo Mendes; Mário de Andrade; Cartas inéditas; Poesía; Modernismo brasileño.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. "A poesia em 1930" [1931]. In: *Aspectos da literatura brasileira* [1943]. 4.^a ed. São Paulo: Martins, 1972, pp. 27-45.

ANDRADE, Mário de. “A poesia em pânico” [1939]. In: *O empalhador de passarinho* [1946]. 2.^a ed. São Paulo: Martins, 1955, pp. 45-52.

GUIMARÃES, Júlio Castañon. *Territórios/ Conjunções: poesia e prosa críticas de Murilo Mendes*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

GUIMARÃES, Júlio Castañon. *Contrapontos: notas sobre correspondência no modernismo*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2004.

GUIMARÃES, Júlio Castañon (org.). *Cartas de Murilo Mendes a Roberto Assumpção*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2007.

MENDES, Murilo. “Cristo companheiro”, *A Manhã*, Rio de Janeiro, 24 dez. 1944.

MENDES, Murilo. “Mário de Andrade”, *A Manhã*, 4 mar. 1945.

MENDES, Murilo. *Poesia completa e prosa*, organização, preparação do texto e notas de Luciana Stegagno Picchio. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

MORAES, Marcos Antonio de. *Orgulho de jamais aconselhar: a epistolografia de Mário de Andrade*. São Paulo: Edusp, 2007.

MORAES, Marcos Antonio de (org.). *Correspondência: Mário de Andrade e Manuel Bandeira*. São Paulo: Edusp, 2000.

MOURA, Marcondes de Moura. *Murilo Mendes: a poesia como totalidade*. São Paulo: Edusp, 1995.

RODRIGUES, Leandro Garcia. *Cartas que falam: ensaios sobre epistolografia*. Belo Horizonte: Relicário, 2023.

STEGAGNO PICCHIO, Luciana. “Introdução geral”. In: MENDES, Murilo, *Poesia completa e prosa*, organização, preparação do texto e notas de Luciana Stegagno Picchio. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

Submetido em 20 de abril de 2024

Aprovado em 03 de setembro de 2024

Publicado em 26 de janeiro de 2025
